



A correspondência entre José Lutzenberger e León Croizat: circulação de conhecimentos e atuação ambientalista na América Latina

The Correspondence between José Lutzenberger and León Croizat: Knowledge Flow and Environmentalist Action in Latin America

ELENITA MALTA PEREIRA

UNICENTRO-Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

elenitamalta@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9835-391X>

JOÃO DAVI OLIVEIRA MINUZZI

UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

jadminuzzi@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1400-585X>

Abstract: Brazilian agronomist and environmentalist José Lutzenberger (1926-2002) and Italian botanist León Croizat (1894-1982) exchanged extensive correspondence between 1966 and 1974. The article analyses the set of documents, which can be found in José Lutzenberger's Private Collection (APJL). First of all, we will draw a sketch of the biographies of the correspondents, both self-taught in botany. Furthermore, our objective is to focus on the main themes addressed in this correspondence: the exchange of plants, seeds and botanical knowledge, as well as the authors' perceptions of the global ecological situation. Through this correspondence, Lutzenberger and Croizat built a network of knowledge exchanges that allows us to get into important aspects of Latin American environmental history.

Keywords: José Lutzenberger; León Croizat; Correspondence as Source; Environmental History; Biography.

Resumo: O engenheiro agrônomo e ambientalista brasileiro José Lutzenberger (1926-2002) e o botânico italiano León Croizat (1894-1982) trocaram extensa correspondência entre 1966 e 1974. O artigo analisa o conjunto de documentos, que se encontra no Acervo Privado de José Lutzenberger (APJL). Primeiramente, traçamos um esboço das biografias de ambos os missivistas, autodidatas em botânica. A seguir, nosso objetivo é focar os principais temas abordados nessa correspondência: a troca de plantas, sementes e conhecimentos botânicos e as percepções de ambos sobre a situação ecológica global. Por meio dessa correspondência, os missivistas constroem uma rede de trocas de conhecimentos que nos permite adentrar importantes aspectos da história ambiental latino-americana.

Palavras-chave: José Lutzenberger; León Croizat; Correspondência como fonte; História ambiental; Biografia.

INTRODUÇÃO

Entre 1966 e 1974, uma extensa troca de correspondência entre dois amigos estimulou em ambos um intercâmbio de conhecimentos que gerou nos anos seguintes ações ambientalistas de relevância local, nacional e internacional, justamente num período histórico em que o movimento ambientalista global crescia de maneira constante. Esses amigos eram o engenheiro agrônomo brasileiro descendente de alemães José Lutzenberger (1926-2002) e o botânico italiano León Croizat (1894-1982). Ambos possuem trajetórias biográficas globais: Lutzenberger como um dos ambientalistas brasileiros mais reconhecidos internacionalmente pela sua luta contra o uso de agrotóxicos e em defesa da floresta amazônica; Croizat como um botânico que construiu a panbiogeografia, um aparato teórico em contraposição a Charles Darwin e sua teoria dispersalista das espécies no planeta. Ambos viveram em vários países diferentes, falavam mais de um idioma e passaram por vários momentos de inflexão importantes nas suas trajetórias. Para além disso, eram apaixonados por biologia e botânica, mas nunca realizaram nenhum estudo formal nessas áreas. Partilhavam um interesse em comum, em especial: o amor pelas suculentas e cactáceas, chegando a manter coleções privadas e a trocar sementes por correspondência.

As cartas trocadas entre Lutzenberger e Croizat são preciosas fontes (inéditas) para a pesquisa dentro do campo da história ambiental, a partir delas podemos trabalhar diversas temáticas que envolveram ambos os personagens e o contexto em que viveram. A correspondência permite acessar aspectos interessantes das ideias e percepções sobre questões ambientais dos dois agentes em interlocução. Essa correspondência também amplia nosso conhecimento a respeito do passado ambiental da América Latina, que, segundo Miller (2012) ainda possui muitas zonas a serem exploradas, especialmente pela América Latina ser “um híbrido sem igual, feito dos mais diversos elementos” (Miller 2012, 121, tradução dos autores), que teve tanto sua cultura

quanto natureza transformadas por meio das trocas e misturas advindas do processo de colonização.

Nas cartas, Lutzenberger constrói uma narrativa da sua carreira profissional como funcionário da multinacional de agroquímica alemã BASF (1957-1970) e da sua frustração crescente com a empresa, até ao abandono do emprego e ao início de sua trajetória como ambientalista, em 1971. Mais ainda, relata viagens, troca conhecimentos sobre espécies vegetais –mostrando que aprendia muito com o amigo italiano–, narra episódios pitorescos e impressões sobre Marrocos, para onde foi enviado em 1967, bem como suas apreensões e angústias, quando a BASF começou a entrar no ramo dos agrotóxicos. Croizat, por sua vez, além do conhecimento botânico, expressa nas cartas suas percepções sobre política na Venezuela, situação ambiental e climática do planeta, e conta a Lutzenberger sobre a publicação de seus textos e a repercussão deles no meio acadêmico.

A correspondência se encontra no Acervo Privado de José Lutzenberger (APJL)¹, localizado em Eldorado do Sul-RS e é composta de 49 cartas, todas escritas em inglês, e tem início no final de 1966, quando Lutzenberger deixou a Venezuela por ordem da BASF e voltou a morar na Alemanha, em Mannheim, às margens do Rio Reno. A correspondência segue no período em que Lutzenberger foi enviado para Marrocos –entre 1967 e 1970– e ainda após ter pedido demissão da BASF e voltar a morar na sua cidade natal, Porto Alegre, em janeiro de 1971. Constam no acervo cartas até 1974. Durante o período de troca de cartas, Croizat manteve residência na capital venezuelana até gradualmente mudar-se para o interior do país, na cidade de Coro, já em 1974. Todas as citações de trechos desse material advêm de tradução nossa.

As cartas são fontes riquíssimas para a história, em especial para estudos biográficos. Por meio da análise de correspondência, temos acesso a informações que não encontramos em outros tipos de documentos. Podemos mapear redes de relações e compreender a construção de ideias e concepções que mobilizam indivíduos e grupos. No entanto, as cartas, assim como outras fontes, devem ser estudadas com precaução, não se considerando tudo como verdade ou um relato primário. Angela de Castro Gomes nos alerta: a carta, como documento, “não trata de dizer ‘o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento” (Gomes 2004, 14). Para a autora, a correspondência é um dos tipos de “práticas de produção de si”: através desses tipos de práticas culturais, como a escrita de cartas, de autobiografias e diários, “o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado” (Gomes 2004, 11).

¹ O APJL é composto de documentos produzidos por Lutzenberger (cartas, originais de seus textos, entrevistas, transcrições de palestras, etc.) e por terceiros (textos em geral, correspondência, recortes de jornais, revistas, livros, vídeos, imagens, etc.), sobre ele e também sobre temas de interesse ambiental em geral, produzidos entre as décadas de 1960 e 2000. O acervo está localizado em Eldorado do Sul, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, e tem a curadoria de Lilly Lutzenberger, filha do ambientalista.

A correspondência é uma prática relacional, que implica uma interlocução. A correspondência de um indivíduo revela suas interações, troca de ideias, propostas em diálogo com sua rede de sociabilidade. No caso de nosso estudo, é a partir de Lutzenberger que temos acesso às cartas, entre outros conjuntos documentais de correspondência do personagem. Podemos perceber nas cartas trocadas entre ele e Croizat uma relação de assimetria, quase de aluno-professor. Croizat é para Lutzenberger um mentor, alguém que admira por tê-lo ajudado a construir uma visão holística das interações humanos-natureza.

Amaral (2000) menciona que ler cartas em sequência ou em trechos muda toda a experiência e entendimento delas. Para o conjunto de cartas objeto deste artigo, essa afirmação é muito válida. A correspondência entre Lutzenberger e Croizat precisa ser lida em ordem cronológica para que possamos acompanhar as mudanças na vida pessoal e profissional/intelectual de ambos os missivistas.

No aspecto formal, todas as cartas são datilografadas, mas isso não significa impessoalidade, essa forma evita eventuais equívocos por não entendimento de grafias e facilita a cópia com carbono. Era comum, em muitos acervos privados, guardar cópias das cartas enviadas, além das originais recebidas. Isso garantia a releitura das mesmas em seu conjunto, para conferências e reformulações de ideias futuras. No caso das cartas objeto deste estudo, ainda apresentavam registros escritos fora de seu corpo textual, geralmente bilhetes da esposa de Croizat ou alguma informação da qual se acabavam lembrando antes do envio.

É possível perceber alguns padrões nas cartas entre Lutzenberger e Croizat, não idênticos, mas existe uma certa fórmula corrente nelas. Por exemplo, ambos em geral começavam falando de plantas e sementes, e depois narravam impressões sobre política, religião, meio ambiente e clima. As cartas de Croizat eram mais curtas, quase sempre uma página, e raramente mencionavam questões pessoais. As de Lutzenberger variavam de 1 a 5 páginas e continham mais referências a acontecimentos de sua vida pessoal. Ele geralmente reclamava da falta de tempo para escrever: quando funcionário da multinacional, por “empurrar produtos químicos para a BASF” e, depois, como ambientalista, porque as atividades de militância eram muitas. De qualquer forma, dizia priorizar, entre todas as cartas que recebia, a resposta às de Croizat.

Para compreender o significado dessa correspondência, é preciso conhecer brevemente a trajetória dos missivistas. É o que apresentamos nas duas próximas seções do artigo. Na sequência, abordamos os principais temas das cartas: a troca de conhecimento sobre plantas, mudas e sementes, e as preocupações sobre a situação ecológica do planeta nas décadas de 1960-1970.

LUTZENBERGER E AMBIENTALISMO GLOBAL

José Lutzenberger era filho do engenheiro-arquiteto e artista plástico alemão Joseph Franz Seraph Lutzenberger (1882-1951), que imigrou para o Brasil em 1920, e da bra-

sileira descendente de alemães Maria Emma Elsa Kroeff (1893-1969). Lutzenberger foi o primogênito do casal, nascido em 1926, em Porto Alegre, e recebeu alfabetização bilíngue (alemão e português); quando já era um ambientalista famoso, atribuiu aos bons cuidados da mãe ao lar e às influências intelectuais recebidas do pai a aprendizagem do amor e do cuidado com a natureza desde a infância².

Cursou a graduação em Agronomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (1947-50) e uma pós-graduação nos Estados Unidos, na Louisiana University (1951-52). De volta a Porto Alegre, trabalhou durante alguns anos em empresas de adubos na cidade. Casou-se com Annemarie Wilm em 1952, com quem teve duas filhas. Em 1956, foi incumbido de acompanhar, como intérprete, um diretor alemão da BASF que visitava o Brasil. O executivo ficou admirado com a preparação de Lutzenberger e convidou-o para trabalhar na multinacional, na Alemanha. Na mesma época, ele também recebeu convite da Ciba Geigy para atuar na Suíça. Optou pela BASF, porque seu “carro chefe” eram os fertilizantes, ao passo que a Geigy “era a grande produtora de DDT”³.

Em 1957, aos 30 anos, Lutzenberger começou sua carreira na BASF. O trabalho apresentava grandes vantagens: era muito bem remunerado, propiciava viagens internacionais, a prática de idiomas e a continuidade de suas leituras e estudos nas horas vagas. Mais ainda, de três em três anos, a empresa concedia licença remunerada de três meses a seus funcionários. Nos dois anos iniciais, ele passou por um processo de formação, na matriz da BASF⁴, em Ludwigshafen, na Alemanha; no primeiro ano como “comerciário, para apreender o trabalho de exportação” e no segundo como “assessor técnico em agroquímica”⁵.

² Sobre a mãe, ele mencionou: “Minha mãe nunca ganhou um tostão num emprego, mas que linda e significativa infância nos deu! E quanta coisa boa fazia, comidas maravilhosas, tricôs e bordados, roupas de todo tipo, cuidava de um jardim que me deu profundo contato com a Natureza. Quanta sabedoria ela nos ensinou! Sua contribuição ao PNB era zero. Então era atraso aquilo? E é progresso o que predomina hoje?” (Lutzenberger 2009, 98). Em relação ao pai, afirmou: “Seu horizonte científico era amplo, e procurava sempre manter-se a par dos novos desenvolvimentos. Devo a ele minha permanente fascinação pela ciência em todas as suas formas (...). [Quando tinha por volta de dez anos, o pai passou a presentear], no Natal e nos aniversários, com importantes obras de divulgação científica. Nunca consegui me livrar desse vício”. Lutzenberger, José. 1977. Como pensava meu pai. *Correio do Povo*. Porto Alegre: 8-9, 1977 (APJL).

³ Lutzenberger, José. 1986. Depoimento sobre o início da AGAPAN. Entrevista a João Batista Aguiar. Porto Alegre, 11/03/1986.

⁴ A BASF, abreviação de Badische Anilin- & Soda-Fabrik, foi fundada em 1865, por Friedrich Engelhorn, para produzir corantes de anilina, tendo como matéria-prima o alcatrão de carvão. A indústria foi instalada em Ludwigshafen, no então reino da Baviera, às margens do Rio Reno, onde permanece até hoje. No início do século xx, com a descoberta da síntese da amônia pelo processo Haber-Bosch, a BASF começou a produzir fertilizantes químicos. Em 1949, produziu seu primeiro herbicida, o U46, considerado pela empresa um herbicida seletivo utilizado em cultivo de cereais. Em meados da década de 1960, nos seus 100 anos, a companhia passou por um grande processo de ampliação. Em 1969, com a aquisição da Wyandotte Chemicals Corporation, de Michigan, começou a produzir agrotóxicos.

⁵ Lutzenberger, José. 1986. Depoimento sobre o início da AGAPAN. Entrevista a João Batista Aguiar. Porto Alegre, 11/03/1986.

Após os dois anos de treinamento, em 1959, Lutzenberger foi enviado para atuar como “delegado técnico com sede na Venezuela e responsável na Venezuela, Equador, Guianas e Antilhas”⁶. Fixou residência em Caracas, de onde viajava com frequência para atender agricultores, vendendo os produtos da companhia, nessa época, mais focada em fertilizantes.

A BASF não costumava permitir que seus funcionários morassem mais do que três anos em um país, mas Lutzenberger conseguiu permanecer seis anos na Venezuela. No final desse período, conheceu o professor de biogeografia⁷ León Croizat (1894-1982), com quem passou a trocar uma interessante correspondência, desde quando deixou o país, em 1966. Por essa época, a BASF entra para o ramo dos agrotóxicos, o que gera um conflito moral em Lutzenberger, perceptível nas cartas de forma crescente, até que no final de 1970 pede demissão do emprego. Em 1971, de volta à sua cidade natal, colabora na fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), sendo eleito seu primeiro presidente, cargo que ocuparia até 1983.

Inicialmente, a entidade foca em lutas locais, como a poda incorreta de árvores, a contestação da poluição do ar e das águas e a luta contra os agrotóxicos –essa última muito influenciada pelo conhecimento de Lutzenberger na área. Com o tempo, as lutas se ampliam, em especial a defesa da floresta Amazônica e da agroecologia, e Lutzenberger se torna figura conhecida no resto do país e no plano internacional. Com um discurso radicalizado e bem informado, Lutzenberger publicou em 1976 o *Manifesto Ecológico Brasileiro*, que delineou uma agenda de ação para grupos que se espalhavam por todo o país (Pádua 2012, 467). Em 1988, ele recebeu o *Livelihood Award*, considerado o Nobel Alternativo, trazendo repercussão ainda maior de suas lutas, o que o levou a receber o convite, em 1990, para ocupar o cargo de Secretário Nacional do Meio Ambiente no governo Collor de Mello (1990-1992). Muito influenciado pela teoria de Gaia (Lovelock 1987) e em contato com redes ambientalistas internacionais, participou da criação de entidades baseadas no conceito no exterior (Foundation for Gaia e Gaia Foundation), bem como no Brasil –a Fundação Gaia, em Pantano Grande-RS.

Depois da BASF, Lutzenberger não teve mais emprego fixo. Trabalhou como autônomo na confecção de parques e em paisagismo, como exemplo o Parque da Guarita, em Torres-RS e o Parque da Riocell, em Guaíba-RS. Dedicou-se também à reciclagem de resíduos industriais, por meio da empresa VIDA, criada por ele em 1979 e em funcionamento até hoje, administrada pelas suas filhas, em Guaíba e Eldorado do Sul-RS.

A seguir, uma imagem de Lutzenberger no viveiro que manteve em Torres-RS, durante o período que trabalhou na construção do Parque da Guarita –hoje denominado Parque Estadual José Lutzenberger.

⁶ Lutzenberger, 1976. José. *Curriculum Vitae*. Porto Alegre, 13/05/1976 (APJL).

⁷ Sobre o que é a biogeografia, ver McDowall (2004).



Figura 1: Lutzenberger no viveiro de mudas no Parque da Guarita, Torres-RS, Brasil. S/Data (APJL).

LÉON CROIZAT E A PANBIOGEOGRAFIA

Croizat foi um cidadão global, viveu em diversos países e manteve contato com pesquisadores de origens variadas. Apesar de um trabalho acadêmico extenso, não alcançou tanto prestígio quanto a sua capacidade permitia. A maioria das informações biográficas que trazemos aqui se encontram em *Craw* (1984).

Léon Croizat nasceu em Turim na Itália no ano de 1894, sendo o segundo filho de Marie e Vittorio, casal de franceses que tiveram ao todo seis filhos. Sua família tem origens antigas no sudeste da França onde detinha certo reconhecimento e prestígio⁸. Seu pai foi um industrial e trabalhou na extração de petróleo na Itália e na Romênia. Ainda na infância, Léon passou pela separação dos pais e viu Vittorio perder o rumo no negócio até falecer em 1915, deixando os filhos ainda muito jovens –Léon tinha 21 anos.

Quando era uma criança, já mostrava interesse pela natureza e pôde conviver com o herpetólogo italiano Mario Peracca e sua coleção de animais. Teve que servir na Primeira

⁸ Sua família teve membros famosos, como Saint Francis de Sales (bispo de Genebra no século XVI/XVII), Madame Roland (exerceu influência política durante a Revolução Francesa até ser guilhotinada) e Alphonse de Lamartine (poeta e político do século XIX) (*Craw* 1984, 5).

Guerra Mundial, deixando os estudos de lado até se formar em Direito no ano de 1920. Dentro do exército chegou à patente de capitão e nesse período se casou com a italiana Lucia em 1917. O casal teve dois filhos, Victor e Georgina. Após a guerra, o regime fascista começou a ganhar expressão na Itália e Croizat procurou sair do país com sua família.

Mudou-se para os Estados Unidos em 1922, um período de intensa migração italiana para o país. Lá não teve facilidade em se estabelecer e foi bastante complicado manter a família num país diferente. Encontrou nas artes uma forma de se expressar e depois procurou se inserir de forma mais profissional no ramo, inclusive expondo quadros de aquarela no Museu de Arte do Brooklyn. Todavia, com a crise econômica de 1929, procurou alternativas. Tentou seguir a carreira artística em Paris, mas não obteve sucesso e voltou aos Estados Unidos.

Num período bastante instável, Croizat acabou trabalhando em diversas áreas. Segundo Morrone (2000), nos anos 1930, ele conseguiu um trabalho identificando plantas para um inventário topográfico dos parques de Nova Iorque, época em que conheceu o diretor do Jardim Botânico do Bronx, Elmer Drew Merrill. Em 1936, Merrill assumiu o cargo de professor de botânica em Harvard e diretor do Arnold Arboretum da universidade, e em 1937 contratou Croizat como assistente técnico, para que o auxiliasse em morfologia e em idiomas, já que Croizat dominava diversas línguas. Esse foi o ponto de inflexão em sua vida, a partir do qual passou a se dedicar totalmente à biologia.

Durante seus dez anos de trabalho no Arnold Arboretum de Harvard, ele passava horas estudando na biblioteca da universidade, e começou a publicar trabalhos sobre a sistemática das plantas cactáceas e euforbiáceas (sobre as quais trocava informações e sementes com Lutzenberger na correspondência), além de fazer diversas anotações que serviram de base para sua futura obra. Ficou nesta função até ao afastamento de Merrill do cargo de chefia, por motivos políticos dentro da academia. Sem emprego, Croizat voltava a uma breve posição de instabilidade, mas com uma carreira dentro das Ciências Naturais já bem construída.

Logo a seguir, Croizat recebeu um convite para trabalhar na Venezuela, onde passou a ocupar cargo no serviço botânico do Ministério de Agricultura e integrou a comitiva de uma importante viagem de exploração do rio Orinoco, entre os anos de 1950 e 1951. Croizat não conseguiu completar a expedição, pois sentiu dores e foi acometido por uma gastroenterite, decidindo não seguir em frente com seus companheiros (Llorente *et al.* 2000, 533). Estando na Venezuela, ele se separa de Lucia e deixa a família nos Estados Unidos. Anos se passam e ele acaba casando-se novamente com a paisagista húngara Katalina Krishaber, com quem viveu até o final da vida.

Foi nesse período que Croizat e Lutzenberger se encontram na Venezuela. Nas cartas, não fica muito claro como eles se conheceram e qual foi a intensidade do contato, mas pode-se notar que a amizade dos dois foi crescendo à distância e ao longo de inúmeras cartas, cartões, livros e plantas trocadas. Podemos verificar que Croizat inicialmente até errava a grafia do nome de Lutzenberger, mas também notamos a preocupação de Croizat com as filhas do brasileiro, as trocas de mensagem entre as esposas de ambos, as informações e angústias compartilhadas. Croizat foi muito importante

num momento decisivo na trajetória de Lutzenberger e esse escreve ao amigo, reconhecendo que “é realmente uma pena que eu não consegui te conhecer alguns anos antes. Se eu tivesse aprendido a olhar para a flora venezuelana do jeito que você me ensinou logo depois de eu chegar lá, eu teria visto e aprendido muito mais”⁹.

Após muitos anos vivendo em Caracas, León Croizat e Katalina Krishaber tornaram-se diretores do Jardim Botânico Xerófito de Coro no ano de 1976, jardim que buscavam estabelecer desde 1970. Coro é uma cidade situada no noroeste da Venezuela, bem próxima do litoral. León veio a falecer seis anos mais tarde na mesma cidade, aos 88 anos, já cego e sem o uso de uma das mãos (Craw 1984, 7).

Sobre a sua produção acadêmica, podemos dizer que Croizat foi visto como uma figura controversa, especialmente por se opor à visão hegemônica da biologia do período, baseada nos preceitos de Darwin, no que diz respeito à permanência ou continuidade de dispersão das espécies. Com dificuldade de inserção no meio acadêmico, as ideias de Croizat a respeito de uma biologia comparada ficaram mais restritas, porém alcançaram certa atenção tanto de estudiosos que foram seus contemporâneos quanto foram revisadas décadas mais tarde por outros biogeógrafos.

Sua maior contribuição girou em torno do que foi chamada panbiogeografia, ou em um termo menos utilizado, biogeografia analítica. A panbiogeografia surge como reação ao dispersionismo de Charles Darwin e Alfred Wallace. As principais críticas de Croizat giravam em torno de: “1) o surgimento de uma espécie a partir de um centro de origem é assumido sem nenhuma base factual; 2) ignora o fato de que a distribuição atual dos organismos não é ao acaso, mas segue trilhas generalizadas; e 3) se baseia em uma biogeografia estática através da história biológica” (Miranda e Dias 2012, 224). A panbiogeografia seria para Croizat uma rede de hipóteses, mais um método do que uma teoria, em suas palavras “es más bien una forma de pensamiento, un método de investigación entendido sobre bases concretas de análisis, para hacer ver las relaciones entre evolución orgánica y los factores de espacio y tiempo que contribuyen a dirigir su camino” (Croizat 2003, 54). Usava estatísticas para verificar os “principios y las leyes que regulan las relaciones recíprocas del espacio, el tiempo y la forma” (Croizat 2003, 54).

Para Croizat, a ideia central era que as três variáveis espaço, tempo e forma evoluíam juntas. Ele não conseguia compreender uma explicação que desconsiderasse qualquer uma dessas variáveis para explicar a evolução das espécies e a sua devida distribuição no planeta. Sua crítica a Darwin vinha desse princípio. Acreditava que o naturalista inglês acabou desconsiderando o espaço dentro de sua esfera de análise e que tornara sua teoria muito rígida e pouco dinâmica.

Para desenvolver sua teoria, Croizat havia feito centenas de desenhos da distribuição de plantas e animais e, por meio do cruzamento desses dados, verificou que havia lugares que deveriam de alguma forma estar conectados no passado. Ele acreditava nessa explicação por considerar a dispersão proposta por Darwin demasiadamente baseada na sorte, e que diversas espécies não iriam se dispersar de maneira tão casual, haja visto os padrões

⁹ Lutzenberger, José. 1967c. Carta a León Croizat. Mannheim, 06/09/1967 (APJL).

que ele encontrou nos mapas. A evolução, para Croizat, se daria por “movimientos de masa, ordenados en el tiempo y en el espacio que a partir de un grupo, ... han dado origen poco a poco a los centros, especies y razas que son ‘modernos’. (Croizat 2003, 60).

As principais obras de Croizat foram *Manual of Phytogeography* (1952), *Panbiogeography* (1958), *Principia Botanica* (1960), *Space, Time, Form: The Biological Synthesis* (1962), *Introduction Raisonnée à la Biogéographie de l’Afrique* (1968)¹⁰. Pelo menos a partir de 1972, esses cinco livros passaram a ser elencados pelo próprio autor no rodapé de suas cartas como “Maiores Obras¹¹12”. Além disso, ele publicou inúmeros artigos e fez apresentações de seus estudos.

Anos após suas principais publicações, a panbiogeografia de Croizat seria misturada com o conceito filogenético de Willi Hening e se tornaria uma nova teoria nas mãos de Gareth Nelson e Norman Platnick: a vicariância. Essa, segundo Miranda e Dias (2012), teria como objetivo compreender as distribuições atuais das espécies pelo mundo a partir de uma reconstrução da sequência de separação das espécies, e então uma reconstrução da sequência de separação das terras, levando em consideração que o espaço e a vida evoluem juntos. Contudo, Croizat não gostava de Hening, o qual acusava de plágio e não tinha boas relações com Nelson e Platnick, que faziam parte do Museu de História Natural Americana. Durante a década de 1970, Croizat tentou participar do Museu, primeiro através de um artigo que recebeu 4 negativas, 15 pareceres favoráveis com modificações e apenas um parecer totalmente favorável (Llorente et. al. 2000, 567). Depois disso, houve uma tentativa de tornar-se membro do Museu, que foi duramente rebatida por uma parcela de seus membros.

Mesmo sugerindo uma metodologia e forma de ver o problema que despertou o interesse de vários pesquisadores, as ideias de Croizat terminaram se restringindo a uma parcela mais específica de biogeógrafos. De acordo com Miranda e Dias (2012, 226), “seus trabalhos receberam pouca atenção no mundo científico e seus manuscritos foram virtualmente ignorados pelas principais autoridades”. Sua pouca fama pode ter sido ocasionada principalmente por ir contra as ideias dominantes de seu campo no período, que eram as pesquisas realizadas com base na teoria dispersionista de Darwin.

Na Venezuela, ele teve um reconhecimento maior, depois de aulas ministradas em universidades, cargos no governo, notícias e textos em jornais, prêmios e principalmente a partir da gerência do Jardim Botânico de Coro¹³. Todavia, a mobilidade de Croizat por diversos países pode ter atrapalhado um pouco o impacto de sua obra, apesar de bem articulado, mantendo contatos internacionais, ele ainda assim morava em um país periférico no campo científico. Além disso, não possuía uma educação formal na área, o que

¹⁰ Traduções dos títulos: *Manual de Fitogeografia* (1952); *Panbiogeografia* (1958); *Princípios Botânicos* (1960); *Espaço, Tempo, Forma: A Síntese Biológica* (1962); *Introdução Fundamentada sobre a biogeografia da África* (1968).

¹¹ Ele utilizava o termo em Latim: “Opera Majora”.

¹² Croizat, León. 1972. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 27/10/1972 (APJL).

¹³ Em março de 1970, Croizat recebeu do governo venezuelano a Condecoração da Ordem do Libertador, a mais alta distinção do país. Croizat, León. 1970a. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 06/04/1970 (APJL).

pode ter gerado determinados preconceitos por parte de seus colegas. Mesmo após tentativas, ele não conseguiu espaço em grupos mais prestigiados da ciência, como apontam Llorente *et al.* (2000) e Miranda e Dias (2012). Um estudo mais aprofundado sobre a vida de León Croizat que avaliasse suas decisões, sua personalidade e desse conta de uma gama maior de fontes poderia responder porque ele não conseguiu inserção ou se manter em grupos como no Museu, em Harvard e até mesmo no meio artístico de Paris.

A foto abaixo se encontra em meio à correspondência, no APJL, e foi tirada por Lutzenberger nos anos finais de sua estadia na Venezuela. É o registro de um homem à vontade com seu amigo, ao ar livre, perto das plantas que ambos tanto amavam.

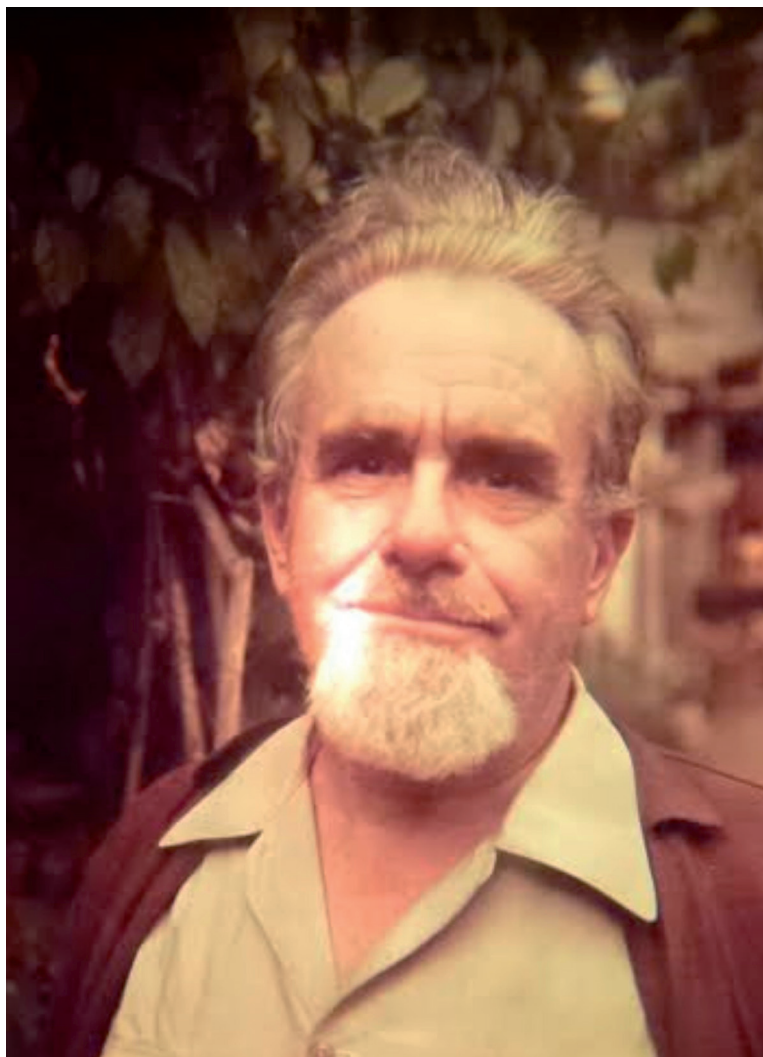


Figura 2: Croizat fotografado por Lutzenberger, por volta de 1965-66 (APJL).

“UM VIVO SOUVENIR DE NOSSA AMIZADE” - TROCA DE INFORMAÇÕES SOBRE PLANTAS

A correspondência trocada entre Léon Croizat e José Lutzenberger não se restringia a cartas e cartões contendo narrativas sobre seus trabalhos, o cotidiano, o contexto político, os anseios e os sonhos. Uma parte considerável de material trocado entre os dois era composto de mudas e sementes de plantas, além de informações sobre espécies, teorizações de botânica e biogeografia, dicas de cultivo e manutenção dos espécimes criados.

Dentre as espécies e gêneros de plantas trocadas entre os dois e que podemos identificar estão: Aristolochias, Bromélias, Coleus, Dioneias, Dyckias, Eldevais, Euphorbias, Fraileas e Mammillarias. Apesar de trocarem espécies tão diferentes como uma Eldevais dos Alpes (*Leontopodium alpinum*) e uma *Dyckia hibrida* (família Bromeliaceae), os dois focaram suas trocas e seus debates sobre as suculentas, especialmente sobre os cactos. Em termos quantitativos, os Cactaceae e as Euphorbiaceae são citadas em uma quantidade esmagadoramente superior a outras famílias de plantas.

Desde que se conheceram, na Venezuela, os dois já compartilhavam informações sobre botânica. Quando Lutzenberger precisa deixar o país, por determinação da BASEF, Croizat acaba ficando responsável por suas plantas; elas passaram a compor a coleção que o professor mantinha na capital venezuelana, chamada por ele de “Cactilândia”¹⁴. Inicialmente, podemos ver que eles tratam a coleção como um conjunto, “talvez nossas plantas em Caracas não tenham desenvolvido a cor e o tamanho certo”¹⁵, porém durante as cartas pode-se perceber uma pequena disputa velada sobre a propriedade das plantas.

O caso ocorreu após Lutzenberger visitar o empresário e botânico francês Julien Marnier-Lapostolle. Em carta direcionada a Croizat, o brasileiro faz uma série de pedidos de plantas que interessavam a Marnier, como as Dyckias, especialmente as do Morro Teresópolis de Porto Alegre. Lutzenberger e Croizat mantinham alguns espécimes desse gênero e o brasileiro pede “talvez você mande para ele o (exemplar) que você tinha e que está sozinho em um pote, assim você mantém minhas plantas”¹⁶. Croizat demora a responder e diz que Marnier enviou correspondência a ele e “me pediu isso e aquilo, mas enquanto eu estava feliz em fazer esse favor a ele com o material que tenho, que não é seu, ainda assim eu não lhe enviaria nada que fosse seu até que fosse autorizado por você. Refiro-me em particular à Bromélia com dentes de serra”¹⁷. Croizat acaba sutilmente enfatizando que nem todas as plantas eram de Lutzenberger e que deveria ser consultado antes de que suas plantas fossem ofertadas a terceiros. A partir desse momento, Lutzenberger passa a adotar uma postura mais cuidadosa e em uma

¹⁴ Croizat, León. 1967a. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 20/09/1967 (APJL).

¹⁵ Lutzenberger, José. 1967a Carta a León Croizat. Mannheim, 01/01/1967 (APJL).

¹⁶ Lutzenberger, José. 1967b. Carta a León Croizat. Villata, 14/07/1967 (APJL).

¹⁷ Croizat, León. 1967a. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 20/09/1967 (APJL).

carta chega a grifar em seu texto o pronome possessivo: “espero que sua espécime tenha sobrevivido” [grifo no original]¹⁸.

Essa rusga não levou a nenhuma briga maior entre os dois missivistas, mas é interessante, pois mostra que não era uma relação sem conflitos e sem interesses. A troca de cartas demandava tempo de leitura e de escrita em idioma não nativo, ambos escreviam em inglês, além de tempo e dinheiro para enviar as cartas e materiais via correio internacional. A relação estabelecida pelos dois era de muito respeito e a amizade cresceu com o tempo, mesmo estando tão afastados geograficamente e suas cartas demorando bastante para chegar em certos momentos. O interesse dos dois pela natureza talvez fosse o principal elo de atração entre esses botânicos autodidatas em fases de vida tão diferentes. Croizat sempre passava uma postura negativa sobre o presente e o futuro, reclamando da idade avançada. Enquanto isso, Lutzenberger estava num momento de mudança na vida, largando o emprego na indústria química e tentando se inserir em algum trabalho ecológico, com um vislumbre de futuro muito promissor, mas também de diversas angústias e incertezas.

Ambas as trajetórias estão marcadas por um aprendizado informal de botânica e muito conhecimento gerado entre os dois, por meio da correspondência. Um momento marcante da trajetória da dupla foi a descoberta de uma nova espécie de *Euphorbia*. Lutzenberger encontrou a planta próxima do rio Turiamo em Carabobo, na Venezuela, no ano de 1965¹⁹. Croizat estudou e classificou a espécie, denominando-a *Euphorbia lutzenbergeriana*, em homenagem ao seu descobridor. A planta foi descrita em artigo em *Cactus and Succulent Journal*, no qual Croizat destaca:

O epíteto específico homenageia o Engenheiro Joseph [sic] Lutzenberger, quem coletou o material a partir do qual a espécie foi designada. Eu fico feliz de dedicar a planta a ele, como um retorno tênue por seu continuado interesse botânico e seu faro aguçado para plantas novas e incomuns no campo. O descobridor me disse que boas espécies são muito difíceis de encontrar na natureza porque os veados parecem apreciar a *Euphorbia*.²⁰

Essa planta acabou tornando-se símbolo da amizade entre os dois, sendo constantemente mencionada nas cartas e enviada entre eles. Lutzenberger agradece a homenagem de Croizat ao nomear a espécie com seu nome e comenta que “mais tarde vou cultivar alguns exemplares dessa planta, se você me enviar alguma semente. Como um vivo souvenir de nossa amizade e de seus grandes ensinamentos para mim”²¹.

Havia muitos colecionadores de plantas no período e um mercado crescente que envolvia desde coletores de espécimes na natureza até grandes Jardins Botânicos. No Rio Grande do Sul, estado de origem de Lutzenberger, é no período pós-Segunda Guerra Mundial até a década de 1980 que há uma expansão da coleta de cactos, segun-

¹⁸ Lutzenberger, José. 1968a. Carta a León Croizat. Casablanca, 24/02/1968 (APJL).

¹⁹ Croizat, León. 1967b. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 20/09/1967 (APJL).

²⁰ Croizat, León. 1967b. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 20/09/1967 (APJL).

²¹ Lutzenberger, José. 1967c. Carta a León Croizat. Mannheim, 06/09/1967 (APJL).

do Pontes, Marchiori e Neto (2017). Rudolfo Heinrich Büneker foi um dos maiores colecionadores da espécie no Rio Grande do Sul e manteve contato por correspondência com muitos pesquisadores e colecionadores estrangeiros (Pontes, Marchiori e Neto 2017), lembrando bastante a troca que Croizat e Lutzenberger faziam através das cartas. No Rio Grande do Sul, o Jardim Botânico de Porto Alegre, a partir da década de 1950, passou a ter uma grande coleção de cactos, especialmente das espécies endêmicas do estado.

Apesar de muitas instituições e colecionadores desde o princípio se preocuparem com a preservação e manutenção das plantas que coletavam, o aumento do interesse pelas plantas gerou uma mercantilização e toda uma estrutura de comércio. Os cactos, por exemplo,

são muito procurados por colecionadores e curiosos, que muitas vezes os extraem da natureza, empobrecendo a diversidade das populações e até mesmo extinguindo-as. No entanto, a principal causa de ameaça tem sido a destruição do habitat devido à ampliação das áreas urbanizadas e agrícolas. Atualmente, programas governamentais e privados procuram fomentar a expansão da silvicultura em grandes extensões de áreas tradicionalmente dedicadas à agropecuária, em regiões com grande incidência de espécies de cactos endêmicos e ameaçados de extinção, como a Campanha e a Serra do Sudeste” (Carneiro *et al.* 2016, 24).

Lutzenberger já reparava nesse quadro na década de 1970, contando ao amigo Croizat que os cactos nativos “estão sendo eliminados agora. Eles provavelmente não durarão mais do que cinco anos. Muitas espécies já desapareceram. Além de todas as depredações por meio do fogo, do excesso de pastoreio, da expansão caótica da cidade, eles foram descobertos pelos exportadores”²². Em especial, dedica atenção a *Uebelmania pectinifera*, que estava sendo alvo constante do comércio de cactos. Segundo Lutzenberger, o próprio Estado fornecia incentivos à comercialização e exportação dessas plantas, pois aquecia a economia e trazia moeda estrangeira ao país²³. Segundo Croizat, o cacto *Cephalocereus senilis* “foi virtualmente exterminado por comerciantes e colecionadores japoneses”²⁴ e outras espécies estariam se direcionando para a mesma situação.

A coleta, cultivo e troca de plantas que Croizat e Lutzenberger faziam era uma forma de ambos aumentarem seu contato e conhecimento em botânica, mas também revela a preocupação em preservar cada unidade, pois muitas poderiam ser as últimas de suas espécies. A troca de plantas foi muito mais que um mero passatempo, foi o aperfeiçoamento de um estudo e um motivo de estreitamento de laços entre dois pesquisadores de gerações e espacialidades tão diferentes. A troca, foi, para além disso, uma forma de preservar as espécies e aprimorar o conhecimento da sociedade sobre essas plantas, que hoje em dia ainda são populares.

²² Lutzenberger, José. 1972. Carta a Leon Croizat. Porto Alegre, 15/10/1972 (APJL).

²³ Lutzenberger, José. 1972. Carta a Leon Croizat. Porto Alegre, 15/10/1972 (APJL).

²⁴ Croizat, León. 1973a. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 04/04/1973 (APJL).

Um tema importante dessa correspondência é a crescente preocupação com a crise ecológica no âmbito planetário. É possível acompanhar, por meio das cartas, o processo de conscientização ambiental de Lutzenberger, paralelo à sua insatisfação com as atitudes da empresa para a qual trabalhava e as atividades que era obrigado a desempenhar na sua função. Por seu lado, Croizat relata nas cartas como seu trabalho começava a ter uma boa recepção nos meios acadêmicos e políticos, ao receber boas resenhas e prêmios.

Na primeira carta de Lutzenberger a Croizat que consta no APJL²⁵, ele narra suas impressões sobre a Gran Canaria, uma das ilhas Canárias da Espanha, onde esteve a trabalho:

A Gran Canaria já se tornou um deserto quase total. Provavelmente apenas uma dúzia das espécies originais da ilha permanecem. Na água é o mesmo. Para ver um peixe maior que 5 ou 6 cm é preciso mergulhar bastante. Há, claro, um monte de agricultura na ilha, mas é um tipo de agricultura muito artificial (...). Os solos estão se tornando alcalinos e não vejo como esse tipo de agricultura pode continuar indefinidamente. Não sei quanto tempo levará, mas eventualmente os ilhéus ficarão em sérios apuros. Agora a economia depende principalmente dos negócios turísticos.²⁶

Aqui podemos perceber uma preocupação com a questão ambiental, porém pelo viés econômico do turismo. A reação de Croizat a essa primeira manifestação, que se repetirá ao longo das missivas, é de tristeza, mas também de certo alívio por não ter que presenciar a “destruição absoluta”, visto que sua idade era avançada:

Quanto à destruição da fauna e flora nativas, (...) isso me dói terrivelmente. Com a sua carta veio a de um velho amigo do Havai –um dos principais botânicos das ilhas– que me diz o mesmo que você. Então, no mundo todo, o conto é de destruição absoluta. Dentro de 150 anos no máximo, restará muito pouco, se não ervas daninhas, em todo lugar. Felizmente, então eu estarei morto (e você também).²⁷

Em 14 de julho de 1967, Lutzenberger conta a Croizat sobre a estadia dele e da esposa numa praia naturista (nudista), segundo ele, “um dos últimos cantos ainda mais ou menos intocados da Córsega”, que, no entanto, infelizmente, estava “condenado –já alguns especuladores compraram a terra para ‘desenvolvê-la’. Então fico feliz em aproveitar enquanto isso dura”²⁸. Mesmo consciente da provável exploração e declínio da região, o tom da preocupação ainda enfoca aspectos econômicos. Essa percepção começa a mudar nas cartas enviadas de Marrocos, a partir de fevereiro de 1968.

²⁵ Lutzenberger, José. 1966. Carta a León Croizat. Manheim, 03/12/1966 (APJL).

²⁶ Lutzenberger, José. 1966. Carta a León Croizat. Manheim, 03/12/1966 (APJL).

²⁷ Croizat, Leon. 1966. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 15/12/1966 (APJL).

²⁸ Lutzenberger, José. 1967b. Carta a León Croizat. Villata, 14/07/1967 (APJL).

Na primeira dessas cartas, Lutzenberger tece suas impressões iniciais do país: “Minhas viagens por esse país não são, é claro, tão interessantes quanto minhas viagens pela América do Sul e pelo Caribe. Não há muito da natureza deixada aqui. Por outro lado, do ponto de vista humano, esse país é obviamente muito mais interessante que a América Latina”. Nessa mesma carta, ele menciona ter lido na *Science Journal* “que vários países da América Latina, entre eles Venezuela e Brasil, agora aderiram ao IBP (Programa Biológico Internacional). Eu me pergunto se eles estão criando esquemas de conservação na Venezuela. Eu certamente gostaria de trabalhar para algo assim”²⁹. Os trechos mostram a curiosidade de biólogo autodidata, que aproveitava as viagens pela BASF para observar a fauna e uma primeira manifestação do desejo de mudar de trabalho, engajando-se em conservação da natureza.

Lutzenberger costumava ler revistas de divulgação científica; ao longo de 1968 e 1969, cita matérias e trechos que revelam uma preocupação cada vez mais de cunho ecológico com a situação do planeta. Na carta de julho de 1968, ele se questionava:

o que nossos descendentes de várias gerações que virão pensarão de nós, supostamente, claro, se houver descendentes. De qualquer forma, fico feliz em perceber que, pelo menos nos EUA, **mais e mais importância é dada à ecologia nos assuntos humanos**. Assim que eu conseguir o endereço, escreverei à Fundação Ford. Eles parecem estar muito preocupados com esses problemas. Na *Newsweek*, em 22 de julho, havia um artigo muito interessante sobre esses aspectos e citam Gordon Harrison: “Nossa abordagem de um único problema e uma solução inevitavelmente corteja o desastre” [grifos no original].³⁰

A correspondência é também espaço para Croizat falar da recepção de sua obra. Como vimos, a repercussão do seu trabalho ficou bastante restrita, ao contrapor-se à teoria de Darwin. No entanto, ele menciona pequenos avanços, na publicação de resenhas e acolhida a seus textos, com certa frequência. Na carta de março de 1968, ele fala de uma resenha de *Space, Time, Form* “muito encorajadora em um dos últimos números da influente revista *Ecology* (1967, 704) pelo cabeça do Departamento de Biologia da Universidade do Colorado”. Era uma grata surpresa, pois “eu nunca esperei nada parecido durante a minha vida (depois da minha morte, eu sempre tive... esperanças)”. Ele recomendava a leitura da resenha ao amigo, se conseguisse encontrá-la em alguma universidade em Marrocos, “você ficará contente em lê-la”³¹.

Sobre a crise ambiental, em junho de 1969, Lutzenberger dedica grande parte de uma de suas cartas. De forma enfática, o engenheiro agrônomo se mostra muito insatisfeito com seu emprego: “na verdade, estou muito cansado do que estou fazendo agora: empurrando venenos”. Ele passava por um questionamento moral de sua profissão, pois as vendas da empresa iam muito bem, no entanto, como alguém preocupado com

²⁹ Lutzenberger, José. 1968a. Carta a León Croizat. Casablanca, 24/02/1968 (APJL).

³⁰ Lutzenberger, José. 1968b. Carta a León Croizat. Casablanca, 30/07/1968 (APJL).

³¹ Croizat, Leon. 1968. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 21/03/1968 (APJL).

a natureza, não poderia estar contente. Novamente ele cita *Science Journal*, dessa vez um artigo contra os agrotóxicos, produtos com que trabalhava na BASF:

Um ecologista britânico descobriu que, se o Torrey Cannon, aquele petroleiro que sujava as praias inglesas com 100.000 toneladas de óleo, carregasse 2,4-D (herbicida hormonal), a quantidade teria bastado para destruir toda a vida vegetal em todos os oceanos do planeta. Mas sabemos que 70% do oxigênio na atmosfera é produzido pela vida das plantas nos oceanos e apenas os 30% restantes nos continentes. O que aconteceria então? Ninguém pode prever. Mas provavelmente uma virada para uma atmosfera redutora, do tipo que tínhamos antes da vida das plantas, aconteceria. Isso significaria um fim para toda a vida animal.³²

Nessa carta, Lutzenberger cita longos trechos de uma entrevista com o escritor Allen Ginsberg publicada pela *Playboy*, em que este expressa um discurso ecológico bastante catastrofista. Segundo Ginsberg, o planeta estava

no meio de uma doença provavelmente fatal; os subprodutos dessa doença incluem não apenas a violência política dos promotores imobiliários, mas todas as fantasias gigantes da Guerra Fria (...). A doença terminará destruindo nosso próprio planeta (...). É um **câncer ecológico**. Estamos poluindo cada vez mais os recursos de água doce do mundo, por exemplo. (...). Os oceanos estão ficando mais quentes e sujos por causa de todos os resíduos atômicos e DDT que estavam sendo despejados neles; começou a envenenar peixes e algumas espécies de aves raras. Se todas as usinas atômicas agora em planejamento forem colocadas em operação nos próximos 30 anos, os resíduos atômicos delas irão alterar todo o balanço de calor do oceano e da terra. Resíduos de carros e gases industriais não só poluem a atmosfera mas eles nos isolam da clareza do azul mediterrâneo, transformando o céu em uma nuvem de fumaça, através da qual você não pode ver a lua, o sol e as estrelas. As pessoas já não conhecem a procriação das estações. E eles não sabem mais que estão em um planeta –muito menos em uma vasta galáxia. Eles acham que estão em “Chicago” ou “New York” (...). A maioria dos produtos de luxo que usamos são inúteis e destrutivos; levará centenas de anos para se livrar deles. Latas descartáveis de alumínio! Tudo sendo transformado em plástico e sintético (...). Esse é um ambiente humano bastante degradado, eu acho. Tudo o que venho dizendo é simbolizado pelo próprio emblema da América –a água careca. A espécie está quase extinta [grifos no original].³³

Lutzenberger disse a Croizat que a leitura da entrevista o deixou “espantado e profundamente preocupado (...). **É exatamente assim que eu penso e sinto. Só não sou tão articulado.** Quanto mais eu vejo o mundo, mais eu me sinto assim”³⁴. Essa percepção era acentuada ainda mais no contato com pessoas que compartilhavam essas preocupações, em caronas que Lutzenberger ocasionalmente oferecia a jovens:

³² Lutzenberger, José. 1969a. Carta a León Croizat. Casablanca, 02/06/1969 (APJL).

³³ Lutzenberger, José. 1969a. Carta a León Croizat. Casablanca, 02/06/1969 (APJL).

³⁴ Lutzenberger, José. 1969a. Carta a León Croizat. Casablanca, 02/06/1969 (APJL). Grifo nosso.

Outro dia eu tive um estudante americano de 20 anos no meu carro. Ele estava se preparando para entrar em sociologia, fumava maconha (“aumenta a consciência e ajuda você a escapar”). Ele tinha uma mente muito aberta, no entanto. Então, no decorrer de nossa longa conversa de uns 500 kms, conversei com ele exatamente sobre esses problemas. O cara ficou fascinado. Quando ele saiu, ele me disse: “você mudou minha vida. Eu não vou mais para a sociologia. Eu estou indo para a ciência. Eu estou indo para a biologia, ecologia. Você me deu um novo objetivo”.³⁵

Poucos dias depois, Lutzenberger enviou uma carta breve a Croizat (quase um bilhete), porém muito emocionada. Datada de 25 de junho de 1969, ele lamentava profundamente o desastre ocorrido dois dias antes (23 de junho) na Alemanha: o derramamento do inseticida e acaricida Endosulfan, de fabricação da empresa Hoechst, no Rio Reno, que causou a morte de milhões de peixes ao longo de 600 km do seu curso. O conteúdo da carta expressa extrema tristeza e pessimismo em relação ao futuro da humanidade:

Isso realmente me faz chorar, sabendo como eu sei, que isso é somente um pequeno incidente em uma frente de destruição infinitamente maior, a maioria destruição irreversível, sempre espalhada destruição, espalhando com um crescente grau, exponencialmente. Há muito pior por vir. (...). Talvez alguém deva esperar que o homem desapareça antes que tudo mais se vá. Talvez alguma bactéria, alga ou protozoário consiga sobreviver e começar um novo ciclo na longa e paciente sinfonia da evolução orgânica. Nosso planeta, de acordo com cosmologistas, ainda tem tempo para isso, a menos que, é claro, que nós o explodamos, também uma possibilidade realista.³⁶

Lutzenberger mencionou esse desastre mais tarde, em entrevistas e palestras, já como ambientalista. Foi um episódio que marcou sua sensibilidade em relação ao mundo natural. Houve também o derramamento de um tambor do inseticida Parathion da própria BASF num porto de Marrocos, no final da década de 1960. Quando ele comunicou o fato ao seu chefe, perguntando “como é que nós vamos tirar isso? Onde é que vamos conseguir mergulhador?”, ouviu a seguinte resposta: “mas como? O seguro paga!”³⁷. Esses episódios de descaso dos fabricantes em resolver os problemas causados por seus produtos, comprovadamente mortíferos, certamente forneceram ainda mais elementos para a insatisfação de Lutzenberger com a empresa.

Croizat respondeu em 28 de junho de 1969, concordando com a abordagem ecológica de Lutzenberger, no entanto, não se mostrava tão preocupado, pois já estava com 75 anos e parecia cético em relação a possíveis grandes mudanças:

Eu posso entender perfeitamente o modo de sentir e o raciocínio hippie-beatnik [referindo-se a Ginsberg], porque sou um deles, de um jeito particular. Eu também não posso

³⁵ Lutzenberger, José. 1969a. Carta a León Croizat. Casablanca, 02/06/1969 (APJL).

³⁶ Lutzenberger, José. 1969b. Carta a León Croizat. Casablanca, 25/06/1969 (APJL).

³⁷ Lutzenberger, José. 1986. Depoimento sobre o início da AGAPAN. Entrevista a João Batista Aguiar. Porto Alegre, 11 de março de 1986, 9 páginas digitadas.

suportar o mundo como ele é, com sua vulgaridade, etc. Felizmente, encontrei um escape e consolo na tentativa de “retornar à natureza” e “pensar” no “mais puro” da maneira que você conhece. (...). Eu estou reduzido a encontrar consolo no fato de que já tenho 75 anos; se fosse jovem como você, eu estaria certamente mais comovido, como você está (...). Então a conclusão é: tudo para o inferno!!! É o mesmo mundo hoje como era quando Roma estava se aproximando de sua queda. A mesma negação de tudo da velha ordem. O resultado foi a espada do bárbaro, não um mundo melhor. Estamos entre a espada e a parede. Mas eu já farei 75 anos, no mesmo dia que os americanos partirão para a Lua, 16 de julho de 1969. Que coincidência!³⁸

As válvulas de escape de Croizat eram, certamente, as pesquisas e o cuidado de seu jardim, através dos quais mantinha contato com a natureza. O mundo, para ele, não iria melhorar no futuro, de acordo com os exemplos do passado. A “conquista” da Lua pelos norte-americanos começaria no mesmo dia do seu aniversário, com essa ironia, o biogeógrafo demonstrava sua descrença na humanidade e pessimismo quanto às possibilidades futuras. Para ele, com 75 anos, não valia mais a pena lutar, mas Lutzenberger era bem mais jovem, e poderia contribuir, de alguma forma, para um mundo melhor.

O brasileiro mostrava-se cada vez mais animado com o boom da ecologia, na virada dos 1960-70. Sua percepção era de que as pessoas estavam se tornando conscientes, nos Estados Unidos e Alemanha, a partir da recente leitura de revistas de divulgação:

Você viu que a revista TIME, em 1/08/1969, iniciou uma nova seção “Environment”? Na França, eles fundaram o “CDHV, Comitê de defesa do homem e da vida”. Também na Alemanha a imprensa está começando a prestar maior atenção, mesmo uma revista importante, como a DER SPIEGEL, teve algumas poucas palavras a dizer sobre a catástrofe do Reno. Mas DIE ZEIT, um semanário muito mais sério está agora cheio de artigos sobre esses problemas.³⁹

Na próxima carta, enviada em 15 de outubro de 1969, Lutzenberger falou da intenção da empresa de tirá-lo de Marrocos, seus chefes queriam enviá-lo para algum país da América Latina, ou talvez, do extremo oriente. No entanto, ele estava cada vez menos satisfeito com o trabalho na BASF, e disse que gostaria muito de conseguir um emprego na área de conservação. No ano seguinte –1970– sairia em licença por dois meses, e aproveitaria para sondar oportunidades nos Estados Unidos, Brasil e Venezuela:

Ou eu encontro alguma coisa em conservação, ecologia, jardinagem, ou eu tentarei fazer algo independente com meu pequeno capital no Brasil ou Venezuela como uma pequena fazenda, ou um jardim, ou alguma pequena fábrica que me dê muito tempo livre para meus estudos e hobbies.⁴⁰

³⁸ Croizat, León. 1969. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 28/06/1969 (APJL).

³⁹ Lutzenberger, José. 1969c. Carta a León Croizat. Casablanca, 14/08/1969 (APJL).

⁴⁰ Lutzenberger, José. 1969d. Carta a León Croizat. Casablanca, 15/10/1969 (APJL).

Já em 1970, as cartas de 23 de março e 29 de abril revelam que Lutzenberger estava chegando ao limite na BASF. Tanto que chegou ao ponto de torcer contra a companhia, no seu “projeto de criação de uma fábrica de 700 hectares nos bonitos pântanos na Carolina do Sul. Os conservacionistas estão lutando forte. A luta não acabou. Eu espero que a BASF perca”⁴¹. A enorme fábrica nos Estados Unidos causaria grande impacto ambiental, conforme divulgado na revista norte-americana *Newsweek*.⁴² (1970).

Em carta de abril de 1970, a vontade de mudar de vida aparece mais evidente do que nunca; ele vivia um momento decisivo:

Neste ano, eu terei que tomar uma séria e provavelmente difícil decisão para minha vida futura. Espero poder desistir do meu presente trabalho como um empurrador de pesticidas de uma grande companhia. (...). Eu nunca pretendi trabalhar com pesticidas. De fato, eu odiava desde o início. Quando decidi começar na BASF em 57, tinha a alternativa de ir para a Geigy (o povo do DDT). Eu escolhi BASF porque eles não tinham pesticidas. Comecei como um especialista em fertilizantes, mas a BASF foi para o campo do controle químico e eu não pude deixar de me envolver. Mas agora estou farto, e não posso aceitar muito do que preciso fazer. A indústria está ficando cada vez mais agressiva, cruel e implacável.⁴³

A movimentação das pessoas nas ruas e a realização do Earth Day, nos Estados Unidos⁴⁴, o motivava ainda mais na decisão de deixar a empresa:

Todo mundo agora está preocupado com a poluição do ambiente, mas não está sendo feito muito. (...). Espero poder encontrar um trabalho em conservação, gestão ambiental, ecologia, etc. Ou apenas ter um pequeno emprego, mesmo por conta própria, como uma fazenda, e ter tempo para estudar. Eu estou, portanto, aproveitando minha licença de dois meses neste verão para dar uma olhada. (...). Espero ter sucesso e que as circunstâncias não me forcem a continuar com a BASF.⁴⁵

Na resposta de Croizat, em 15 de maio de 1970, ele diz esperar Lutzenberger para um encontro em Caracas, no período de licença da BASF. Sobre a questão ecológica, repetiu o argumento das cartas anteriores, dizendo ser “cínico o suficiente” para se “sentir melhor aos 76 do que muitos homens e mulheres jovens que tem pela frente um longo futuro”. Ele se “dopava” com trabalho, que continuaria exercendo, “com ou sem visão” (meses antes, fora operado de catarata). Croizat acreditava ter vivido muito mais do que a maioria dos homens da sua geração. “O resto é puro veludo”⁴⁶.

⁴¹ Lutzenberger, José. 1970a. Carta a León Croizat. Casablanca, 23/03/1970 (APJL)

⁴² “Environment: Fight at Hilton Head”. *Newsweek*, 13/04/1970.

⁴³ Lutzenberger, José. 1970b. Carta a León Croizat. Casablanca, 29/04/1970 (APJL).

⁴⁴ Worster (2011, 356-59) considera o *Earth Day* o ápice de uma série de eventos midiáticos protagonizados por alguns ecólogos, especialmente Paul Elrich e Barry Commoner, que pretendiam chamar a atenção para a urgência dos problemas ambientais. A comemoração do primeiro dia da terra ocorreu em 22 de abril de 1970 nos EUA, em meio aos protestos contra a Guerra do Vietnã.

⁴⁵ Lutzenberger, José. 1970b. Carta a León Croizat. Casablanca, 29/04/1970 (APJL).

⁴⁶ Croizat, León. 1970b. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 15/05/1970 (APJL).

Na última carta enviada de Casablanca, como funcionário da BASF, pouco antes de viajar ao Brasil (29 de junho de 1970), Lutzenberger afirmou estar totalmente decidido a deixar a empresa:

A situação ficou totalmente insustentável para mim. A companhia foi agora completamente reorganizada por uma firma americana especializada nessas coisas e tudo se tornou americanizado, incluindo total agressividade implacável. Somente contam figuras, os argumentos não são aceitos se eles não coincidem com as expectativas de vendas, e aqueles que ousam expressar algumas dúvidas tímidas sobre a segurança-certeza de nossas práticas são simplesmente considerados sectários estúpidos —é a total visão do túnel.⁴⁷

Na missiva, aparece a primeira menção de Lutzenberger a um sentimento de estar se prostituindo com o trabalho de vender agrotóxicos. Como a saída de Marrocos era certa e ele teria que passar um tempo na Alemanha antes de ser transferido para outro país, seria obrigado a conviver com seu chefe, que ele considerava muito bitolado: “com meu chefe ao meu lado, eu teria que prostituir muito minha consciência biológica/ecológica”. Mas ele ainda queria encontrar um trabalho na área de conservação antes de pedir demissão; estava

abordando organizações internacionais, como IUCN (eles expressaram interesse, embora não possam me dar nada imediatamente), FAO, UNDP, eles têm projetos de conservação, ou esquemas relacionados. Eu também estou tentando com organizações de conservação alemãs (...). Você conhece entidades venezuelanas preocupadas com conservação?⁴⁸

Durante o período de licença, em agosto de 1970, Lutzenberger esteve em Porto Alegre e conheceu o grupo com o qual fundaria a AGAPAN no ano seguinte. Pelos relatos das cartas, ele esteve em Caracas, mas não encontrou Croizat. Retornando à Alemanha, comunicou à BASF sua decisão. A multinacional lhe deu dois meses para passar por formalidades e retirar seus pertences do Marrocos. Em janeiro de 1971, ele voltava para Porto Alegre para fixar residência com a família.

Na primeira carta enviada do novo endereço, Lutzenberger escrevia cheio de esperança com a mudança em sua vida. Ia negociar gado em sociedade com um comerciante idoso. Relatava que o clima estava muito mais quente na cidade natal, um “clima amazônico, com banhos diários”. Também estava começando um novo jardim, uma nova coleção de plantas exóticas. A maioria que trouxe na viagem morreu por causa do choque de temperatura, umidade excessiva e fungos. Mas ele via muitas possibilidades para jardinagem no Sul do Brasil. Por último, disse que já estava tecendo “boas conexões para a luta em conservação da natureza e contra poluição e deterioração do ambiente”⁴⁹.

⁴⁷ Lutzenberger, José. 1970c. Carta a León Croizat. Casablanca, 29/06/1970 (APJL).

⁴⁸ Lutzenberger, José. 1970c. Carta a León Croizat. Casablanca, 29/06/1970 (APJL).

⁴⁹ Lutzenberger, José. 1971. Carta a León Croizat. Porto Alegre, 20/02/1971 (APJL).

Em sua resposta, Croizat lamenta que não tenham se encontrado, quando Lutzenberger estivera na Venezuela, oferecia-se para enviar sementes de “suas bromélias” para que ele refizesse sua coleção de plantas, comenta que o clima estava “irregular em todo o mundo”⁵⁰.

Nas cartas seguintes, Lutzenberger narra sua trajetória inicial na volta ao Brasil. O negócio com gado não deu certo, ele estava realizando uma tradução para o português de um grande estudo do Rio Caí, feito com ajuda externa alemã. Havia sido “convidado pelo governo do estado local para trabalhar como consultor em jardins públicos e áreas verdes. Espero poder fazer algum trabalho bom e interessante neste campo”. Na AGAPAN, estava “muito ativo”:

A recepção é muito grande. A imprensa, rádio, TV estão abertas para nós. As escolas estão me pedindo palestras e artigos. Até a Voice of America quer me entrevistar. Estou muito impressionado com a atmosfera atual. Claro que teremos grandes lutas e tremendas frustrações, mas também estamos vendo algumas pequenas vitórias.⁵¹

Croizat se mostrou satisfeito com as notícias, mesmo que, para ele, “todo conservacionista está travando uma luta perdida. No entanto, já é uma grande satisfação que você possa encontrar pessoas prontas para responder, e formar grupos capazes de diminuir, quando não evitar completamente os danos”⁵².

Na mesma missiva, ele relata que havia recebido duas cartas, nas semanas anteriores, “uma de um jovem ictiólogo da equipe do Museu Americano de História Natural (Nova York) e a outra de um jovem botânico da Universidade de Michigan”. Para ele, ambas as cartas diziam que suas “ideias estão obtendo mais e mais adeptos entre os jovens. O botânico de Michigan escreve que eu estava enganado ao afirmar que minhas ideias seriam aceitas em 5 a 10 anos. Eu deveria ter dito, ele me diz, de 10 a 20... De qualquer forma, parece de fato que eu não trabalhei em vão”⁵³.

Nas cartas entre 1972 e 1974, bem mais esparsas, pois a atividade ambientalista tomava boa parte de seu tempo com palestras, entrevistas, viagens, etc., Lutzenberger relata que passara quase um ano traduzindo o estudo alemão e que estavam aparecendo trabalhos na área de paisagismo. Em 1979, ele abriria uma empresa para melhor coordenar esses trabalhos.

Já Croizat, nas últimas cartas, relata que fora nomeado membro correspondente da Academia de Ciências Exatas local, que lhe pediu a escrita de um artigo “em torno do conceito de folha”⁵⁴, bem como possibilitaria a publicação de vários outros trabalhos, e também “nomeado membro correspondente de nada menos do que o Museu Ame-

⁵⁰ Croizat, León. 1971a. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 14/03/1971 (APJL).

⁵¹ Croizat, León. 1971b. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 25/08/1971 (APJL).

⁵² Croizat, León. 1971b. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 25/08/1971 (APJL).

⁵³ Croizat, León. 1971b. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 25/08/1971 (APJL).

⁵⁴ Croizat, León. 1973b. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 06/08/1973 (APJL).

ricano de História Natural de Nova York”⁵⁵. Segundo ele, isso ocorria “em reconhecimento ao seu trabalho biogeográfico”.

A correspondência no APJL finaliza em 1974, provavelmente as circunstâncias fizeram com que não conseguissem mais se corresponder. Lutzenberger, cada vez mais envolvido com a militância ambientalista, projetava-se, ao longo dos anos 1970, em âmbito nacional e, na sequência, internacionalmente. Croizat assumiu o jardim em Coro, ao lado de sua esposa, o que deve tê-lo mantido bastante ocupado; além disso, ele foi perdendo paulatinamente a visão, chegando à morte em 1982 completamente cego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do encontro entre esses dois personagens com trajetórias globais floresceu uma amizade e uma troca científica bastante intensa. Através das cartas, podemos perceber como León Croizat teve um papel importante em orientar José Lutzenberger no estudo da botânica e da ecologia, justamente em um momento de mudança em sua vida, que passou durante aqueles anos por um processo de conscientização ambiental e amadurecimento intelectual.

Ambos os personagens tiveram uma infância que possibilitou um rico contato com a natureza dos respectivos locais onde viveram. Mas isso não permite que tenhamos uma “ilusão biográfica”, nos termos de Bourdieu (2005), como se esse contato fosse responsável pelos interesses de ambos quando adultos pela biologia e conservação. Foram os caminhos e as escolhas tomadas por eles, em meio às interações com seus contemporâneos os responsáveis por tais interesses. Até porque a biologia, e, em especial, a botânica, não foi a escolha inicial na formação acadêmica de ambos, mas sim uma opção tardia. No caso de Lutzenberger, era uma paixão e um hobby; já para Croizat, tornara-se objeto de trabalho e investigação científica.

Conhecemos um pouco da biografia dos dois e notamos que estavam em momentos distintos de suas vidas e carreiras profissionais, isso afetava o otimismo e o pessimismo de cada um em relação ao futuro. Navegar por essas biografias e o pelo contato dessas trajetórias, por meio das cartas, nos permite compreender mais do cotidiano e da política dos diversos países pelos quais Lutzenberger e Croizat circulavam, das redes científicas formadas, do ambientalismo sendo gestado e se expandindo.

Além de todos esses elementos, podemos acompanhar o crescimento do interesse dos personagens pelos cactos e pelas suculentas, que hoje são plantas amplamente comercializadas no Brasil e que naquele período estavam sendo estudadas e procuradas por toda a América. Trocando mudas e sementes, os dois amigos já ressaltavam em suas correspondências o perigo do comércio predatório, pelos impactos ambientais que poderiam gerar nos ecossistemas onde essas plantas cresciam. Essas plantas

⁵⁵ Croizat, León. 1974. Carta a José Lutzenberger. Caracas, 12/01/1974 (APJL).

americanas passaram a ser comercializadas globalmente e acabavam chegando em grandes coleções, como a do francês Julien Marnier-Lapostolle e outras tantas pela Europa.

Ao longo da leitura das cartas, percebe-se o crescimento da preocupação ambiental em ambos personagens. Eles leram notícias em jornais, ouviram falar através de amigos e presenciaram diversos fatos que, aliados às leituras na área e à troca de informação entre eles, geraram incômodos e reflexões sobre como a humanidade estava conduzindo sua relação com a natureza. Num período bastante pessimista do movimento ambientalista, eles traçavam projeções assustadoras para poucos anos ou décadas no futuro. A resposta para essas preocupações veio na forma de aprofundamento de seus estudos, na inserção acadêmica, ambientalista e civil de ambos.

Em suma, a correspondência permite perseguir, no caso de Lutzenberger, a transformação individual de um funcionário técnico de empresa agroquímica transnacional num importante crítico da agricultura moderna (cuja base são os agrotóxicos e fertilizantes minerais, justamente os produtos da BASF), engajado na AGAPAN e em movimentos ambientalistas internacionais. No caso de Croizat, possibilita que acessemos anseios e preocupações de seu período final de existência, mas também o início do tão esperado reconhecimento científico de seu trabalho na panbiogeografia.

O encontro entre José Lutzenberger e Léon Croizat propiciou uma amizade e uma troca científica muito rica, da qual podemos ter uma noção parcial por meio da leitura e análise da correspondência trocada entre eles durante os anos de 1966 e 1974. A origem dessa amizade, outros encontros ao longo dos anos, a amizade entre suas esposas e cartas e cartões trocados, juntam-se às diversas plantas enviadas através dos correios, como testemunhos dessa ligação que transformou a forma de ambos perceberem e atuarem na sociedade e na natureza.

REFERÊNCIAS

- Amaral, Glória Carneiro do. 2000. “Sévigné em ação: Sévignações”. Em *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*, organizado por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib, 19-33. São Paulo: Cia das Letras.
- Bourdieu, Pierre. 2005. “A ilusão biográfica”. Em *Usos e abusos da História Oral*, organizado por Marieta Ferreira e Janaina Amado, 183-191. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Carneiro, Andréia Maranhão, et.al. 2016. *Cactos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fundação zoobotânica do Rio Grande do Sul.
- Craw, Robin Charles. 1984. “Never a serious scientist: the life of Leon Croizat”. *Tuatara: Journal of the Biological Society* 27, n.º. 1: 4-7.
- Croizat, León. 1967b. “Two new semi-succulent Euphorbias from Venezuela: *Euphorbia lutzenbergeriana* and *E. Lagunillarum*”. *Cactus and Succulent Journal*, 39, 144: 142-144.
- Croizat, León. 2003. “La ‘panbiogeografía’ en breve” [original de 1973]. Em *Una Perspectiva Latinoamericana de la Biogeografía*, organizado por Juan José Morrone e Jorge Llorente Bousquets, 54-68. Ciudad de México: Las Prensas de Ciencias/UNAM.

- Gomes, Angela de Castro. 2004. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. Em *Escrita de si, escrita da História*, organizado por Angela de Castro Gomes, 7-24. Rio de Janeiro: FGV.
- Llorente, Jorge *et al.* 2000. “Historia del desarrollo y la recepción de las ideas panbiogeográficas de León Croizat”. *Revista Académica Colombia Ciencias*, v. 93, n. 24: 549-577.
- Lovelock, James. 1987. *Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra*. Lisboa: Edições 70.
- Lutzenberger, José. 2009. *Garimpo ou gestão: crítica ecológica ao pensamento econômico*. Porto Alegre: Pelo Planeta Associados.
- Mcdowall, Robert Montgomery. 2004. “What biogeography is: a place for process”. *Journal of Biogeography* 31: 345-351.
- Miller, Shawn. 2012. “Latin America in Global Environmental History”. Em *A Companion to Global Environmental History*, editado por John Mcneil e Erin Stewart Mauldin, 116-131. Oxford: Blackwell.
- Miranda, Gustavo Silva de, e Pedro Henrique dos Santos Dias. 2012. “Biogeografia de vicariância: histórico e perspectivas da disciplina que lançou um novo olhar sobre a diversidade na Terra”. *Boletim de História e Filosofia da Biologia*, 7: 215-240.
- Morrone, Juan J. 2000. “Entre el escarnio y el encomio: León Croizat y la panbiogeografía”. *Interciencia* (Asociación Interciencia Venezuela) 25, n° 1: 41-47.
- Pádua, José Augusto. 2012. “Environmentalism in Brazil: A Historical Perspective”. Em *A Companion to Global Environmental History*, editado por John Mcneil and Erin Stewart Mauldin, 455-473. Oxford: Blackwell.
- Pontes, Rodrigo Corrêa, José Newton Cardoso Marchiori e Leopoldo Witeck Neto. 2017. “Notas Históricas sobre a família Cactaceae no Rio Grande do Sul (Brasil) e Uruguai. II-Período moderno (1950-1980): colecionadores e exploradores da região e imigrantes europeus”. *Balduínia*, n° 57: 01-17.
- Worster, Donald. 2011. *Nature's Economy: a History of Ecological ideas*. New York: Cambridge University Press.

Recebido: 14.02.2020

Versão final: 19.11.2020

Aprovado: 20.12.2020